MADEIRO

Fólios de Poesia III

MUNICÍPIO DE
PENAMACOR

TÍTULO
Madeiro – Fólios de Poesia III

COORDENAÇÃO
André Oliveirinha e Pedro Salvado

APRESENTAÇÃO
Pedro Salvado

PROJETO GRÁFICO
E ILUSTRAÇÕES VILA MADEIRO
Vítor Gil

DESENHOS
Carlos Garcia Medina e Carlos Matos

FOTOGRAFIA
Francisco Abreu; José Manuel Batista; João Martins;
Nuno Silva; Arquivo CMP

REVISÃO DE TEXTO
Micaela Pelicano e Tiago Alves

DEPÓSITO LEGAL
509625/22

ISBN
978-989-53108-7-6

IMPRESSÃO
Multitema – Partners for Printing and Mobile

TIRAGEM
1000 exemplares

EDIÇÃO
Câmara Municipal de Penamacor / 2022

MADEIRO

Fólios de Poesia III

MUNICÍPIO DE
PENAMACOR

MADEIRO: CHAMA DO REGRESSO

Este terceira entrega do caderno *MADEIRO – fólios de poesia* redobra a intenção do município de Penamacor em associar o evento que se assume como o grande momento de referencia identitária e de promoção cultural contemporânea do território, a um espaço que afirme e dilate as metáforas, os significantes e os significados intrínsecos ao ancestral ritual através de uma aproximação tecida pelas palavras.

A edição deste ano, e por vontade dos promotores, introduz composições que expressam evocações, quiçá, ingénuas e de pendor "popular" mas que, sem dúvida, revelam uma apropriação da cenografia emocional do Madeiro distinta e que também fazem parte das sonoridades e mensagens unidas ao ritual natalício. Estas formas de poesia, quase improvisada, coloca-nos perante uma peculiar dimensão relacional que se estabelece ao redor da grande fogueira. Com o mesmo propósito de registo dos sentimentos gerados na comunidade fundacional do evento "Madeiro de Penamacor", e num trabalho de estímulo à continuidade e consolidação da memória da tradição, fixam-se composições realizadas por algumas, poucas, turmas de crianças das escolas esperançosas certezas de futuro destas terras.

Fundido com um calendário de enumeração longa e ligado a variadas geografias culturais, o Madeiro prende o sol e a terra, o visível com o invisível, confirmando não uma linearidade temporal mas a afirmação do retorno às origens numa passagem de memórias diluídas em autênticos fragmentos do caminho vital que se metamorfoseiam em atmosferas cálidas. O lenho que arde natalício é, assim, um marco de coesão temporal e exteriorização das micro-pátrias interiores e uma ponte de comunicação entre passado e o presente. O Madeiro de Penamacor não delimita uma ilha ritual mas faz parte de um arquipélago cultural muito alargado e de distinta espessura que enraíza fervores identitários, confirma o solstício de inverno e religa ao quotidiano o fugidio sol ausente. A cinza da árvore queimada será semente da esperança da regeneração numa serenidade silenciosa que faz brilhar o interior de nós. São sentires individualizados múltiplos que estes fólios fixam nestes tempos de desenraizamentos. O Madeiro de Penamacor, terra dos horizontes dos agora denominados territórios de baixa densidade, revela, com efeito, uma "sobrevivência rural de outros tempos" para utilizarmos uma expressão ouvida há dias. Sobreviver é "estar em vida", continuar a existir, a resisti e, a permanecer, O Madeiro é a matéria simbólica do viver e do regresso ao lugar das raízes da nossa casa comum.

Pedro Miguel Salvado

Palavras DA Luz

Aida Acosta

SOLSTICIO DE INVIERNO

I

El frío es otro fuego,
ayer dejó caer su mano de hielo,
los pespuntes de la llama
afloraban de la tierra quebradiza
como flores transparentes.
Y esa caricia, ilusión de agua,
limpiaba las ramas
arrastraba en un vuelo fugaz
toda la vida
dejando a la intemperie la memoria
anunciando el letargo de los sueños.
Era la caída luminosa,
la noche oscura del invierno.

II

Después todo quedó en silencio.
En la quietud del sol
los relojes lanzaron sus cuchillos
para rasgar la noche.
Era preciso liberar a la madera
de su memoria de agua,
invocar una lluvia inversa,
desatar palabras de humo,
y en esa ascensión,
mirando de frente
a los ojos ondulantes y feroces,
esa mirada primigenia
pronunciaba un pájaro de fuego.
Era el momento
de desatar los perros de esparto
pasando por la boca,
poner un brasero en cada
remiendo de la sangre,
alzar los ojos hacia dentro.
De la herida en el costado,
de esa grieta,
renace la luz como diminutos soles
precipitados en el corazón.

Con esas flores de pan, las bellotas del ayer,
y esta hoguera en nuestras manos,
alfareros de la ceniza,
iniciamos, una vez más, el camino iluminado,
perseguimos el vuelo de las abejas,
la palabra verde del mañana.

Albertina Pires da Silva

Nós, os Penamacorenses
Vimos o Madeiro,
Com amor e compaixão.
Já vem dos nossos avós
Esta linda tradição.

O dia 8 de Dezembro
É um dia especial
Chega o Madeiro
Que é o maior de Portugal.

No dia 8 de Dezembro,
Em cima dos reboques da lenha,
Vem a rapaziada
Com ramos de laranjeira.

Oh! Madeiro Oh! Madeirinho
Ao toque da concertina
Já se canta, já se dança
Com António Borreguinho.

Penamacor Vila Madeiro
Como tu não há igual
Tu tens o maior madeiro
que existe em Portugal.

Poema I

Caminho como uma fogueira no tempo.

Estão longe os dias
que pronunciavam o Louvre.
Tudo respira entre dois hemisférios:
um repleto de harpas e cotovias,
o outro,
hirto de mandíbulas e agónicas ficções.

O corpo,
antigo prado vigiado pela neve.

Cultivámos o aroma da máscara
e a sensualidade está agora
ligada ao ventilador.

A minha mãe
que orava a Cesariny,
repetia a
Pena Capital.

Dorme meu filho
o amor
será
uma arma esquecida
um pano qualquer como um lenço
sobre o gelo das ruas

Abolimos a leveza
de encostar os lábios
e a nebulosa taquicardia
não deixa que a vertigem recite:
o teu corpo é o Guggenheim.

De súbito,
Agosto inala tumulto.

Não entendemos
porque a Aurora Boreal
não continua a girar
à volta do nosso ego.

Como traduzir o Outono
onde a queda é definitiva?

O homem será sempre a partitura de um pântano.

Poema II

As horas não respiram
esculturas de Rodin.

Neste quarto,
tudo é procissão fraudulenta
onde se espera
por um nome submerso.
Depois da infância
os dias têm margens
e o sangue navega
para onde os cães ladram.

A asfixia é a especialidade humana.

Tempos houve
que entre quatro paredes
me entornava
na peregrinação da arte.

Tal como Maistre
deambulei nesse espaço
como se o seu conteúdo
fosse o mais apurado
método de viagem.

Dele guardo
as janelas confiscadas
às pinturas
de Vermeer e Hopper
ou o breve enlace dos corpos
que, ao encontrarem
um elevador
repleto de adrenalina,
estabelecem o infinito
na dança de duas bocas
que se afirmam,
texto de Kafka.

Mas neste quarto,
eras tu
o soluço de bosque,
repousando sedativos nos répteis.

E eu,
a regressar à jovialidade das fábulas
quando a tua boca ainda
se expressava em açafrão puro.

"Uma criança apanha trigo"
no piano de Sassetti.
O pai sorri

porque o filho acaba
de colher o silêncio
numa artéria
que ultrapassou Deus.
É uma criança
que se desloca do estio
aos átomos de um brinquedo.
Segura a foice,
desconhecendo que o amor é cítrico.
A criança insiste
em bordar a Via Láctea.
Semeia com gestos destemidos
quadros de Chagall.
A crina da inocência
percorre a seara.
As sementes à proa da terra
bradam por líquido
e a criança decide verter
a religião da água.
Há um mar de raízes
que declama o solo.

A criança procura
entre os girassóis
um andaime
para prolongar as garças.

O crepúsculo,
ritmo do horizonte.

O pai diz:
é tempo de arrumar
as melodias de Mahler.

A criança resiste,
ameaçando construir
um ciclone nos olhos.

Nesse momento,
o progenitor abandona
A Casa dos Ceifeiros.
Desviando
pétalas e deuses
eleva o filho
para que este interiorize
a ética do colmo
e incendeie a sombra."

O poema é um abismo que arriscou ser
harpa.

Ana Maria Puga

Dormimos nesse sobressalto
Quando faz frio no pensamento
E por inércia das ideias
Ficamos sós a contemplar
A vaga escuridão das nuvens

E o sonho de um calor com brasas
Compõe a custo a personagem
Do homem sem gado nem armas
Cavaleiro de olhar o céu
Por areias de Ser Desperto
Esperando a estrela luzente
Nesse instante de recriar
A vibração das suas asas

Carlos d'Abreu

FOGUEIRA-DO-GALO

na comemoração de um ror de frios solsticiais
e agora que já se me apagou a chama de viver
sei que uma mão cheia de rapazes do litoral
à aldeia dos progenitores regressaram
em visita aos poucos vivos que lembram
os muitos mortos nesta quadra da família
juntaram alguns toros e reacenderam
uma antiga fogueira que há muito
neste território se vem apagando

soube dessa intenção

foram chamas modestas comparadas
com as que nós os novos d'outro tempo
fazíamos que até ao termo da aldeia vizinha
o tronco de um vetusto e já tombado
castanheiro para esse fim há muito pensado
a furtar nos atrevemos mas os rapazes
de lá que eram muitos e souberam
saíram-nos ao caminho e à lapada
nos correram e o nosso carro-de-bois
arrestaram e com ele a sua fogueira acenderam

hoje sou eu que ofereço os toros
não de castanho que já escasseiam
mas de sobreiro que a seca vem matando
numa decadente consociação florística
– já não gasto a lenha que tenho –
e irei pela última vez
para a roda dos madeiros
na "ponta da pedra da aranha"
contar esta e outras histórias

Cecilia Álvarez

LENTO PULSAR

Pressentes uma renovada penumbra,
essa chama de silêncios
que arde
nas solitárias estepes da tua alma
que arrasa a luz que não tiveste, o tempo
oculto por trás das sombras da ausência,
febril litania dos teus dias.

Crias com o lento pulsar
da vida
o secreto espaço
– inalcançável –
onde repousam os sonhos
que nunca nasceram,
os que a vida arrebata
e que lança nas asas da brisa.

Talvez um dia
a brisa seja vendaval,
tempestade enfurecida,
que deixe no teu regaço
um sonho perdido, extraviado,
que ficará em ti
estremecendo os teus sentidos.

Tradução de Leocádia Regalo

Francisco Pardal

Mote:
O Natal antigamente
Era chama a crepitar
No peito de qualquer crente
Por o Menino beijar.

I
De Jesus o nascimento
É uma data consagrada
Sendo hoje celebrada
Com falta de fundamento
Já fica distante o tempo
Em que o povo consciente
Vivia humildemente
Mas sem sombra de cinismo
Não tinha vão consumismo
O Natal antigamente.

II
Com fé é que se salvavam
Regulavam-se por isso
No dia-a-dia em "buliço"
Mil encargos não faltavam
Nos olivais se encontravam
Ranchos sempre a labutar
Para azeitona apanhar
Ganhando quantia rasa
Ao regressarem a casa
Era chama a crepitar.

III
Por muitos era escutado
Um cantar que já lá vai:
"Entrai, pastores, entrai.
Por esse portado "segrado"
Era assim que era entoado
Pura e ingenuamente
P'la trabalhadora gente
No campo e para regalo
Também na missa do galo
No peito de qualquer crente.

IV
Estavam na igreja em peso,
De lenço, xaile e capote
Do mais novo ao mais velhote,
Rico, pobre ou indefeso
Depois era o contrapeso
Iam rapazes "missar"
Pão e carne para trincar
Vinho e lume nos casões
Consolo nos corações
Por o Menino beijar.

EIRA

O que principia não tem fim
Mesmo que arda em labaredas
E tu não sejas mais que a testemunha
Do tempo que é este momento de eternidade.
Estou longe e perto de mim
Aqueço as mãos nos lábios
De quem me beija a primeira vez
Falo com quem me pergunta
— o que vai ser de nós amanhã
Quando as cinzas subirem ao céu
E continuar a arder o madeiro?
Estou longe e perto de mim
E todas as almas regressam
Felizes para o festim.

HOGUERA

Era noche cerrada.
Sentados alrededor de la hoguera
habíamos cantado
y reído.
El bosque se perdía
entre las sombras
en todas direcciones.

Tenía quince años.

De espaldas al fuego,
apoyado sobre el dorso
de no recuerdo quién
alcé la cabeza.
Miré al cielo estrellado.
La noche sin luna
dejaba ver miles
de luceros y galaxias.
Aquel orden infinito
lleno y vacío.

La belleza de los astros
era también fuego y materia.
Nada más.
Me pareció evidente.
Aquella extraña maquinaria
funcionaba por sí sola.
En ausencia de cualquier
“ser superior”.
Me dio una enorme
serenidad

João Sousa Teixeira

NEM TAIS, NEM MAIS

O tempo que me foi de desenganos,
(da esperança vã ao engano puro)
numa correria de anos e mais anos
com os olhos sempre postos no futuro.

Tenho agora tantos anos como natais,
o que, a dividir por dois, não é muito.
É como digo: nem menos, nem mais,
e ponho já uma pedra neste assunto.

Jorge Carvalho

MADEIRO CINZAS E SONHOS

Se elevam labaredas rumo ao céu
Como preces envoltas em fulgor
Na terra fica a paz luz e calor
Que aquece e ilumina o negro breu

Manceba mão que o madeiro acendeu
No intento de acolher o salvador
Em júbilo se aquece e em seu redor
O homem que era menino e cresceu

De ti sonhos e cinzas vão restar
Espalhadas no chão que o viu arder
E o vento à terra inteira irá levar

Há de esta tradição prevalecer
Enquanto houver madeiros pra queimar
E mãos mancebas para o acender.

José Emílio-Nelson

OFICINA da FÉNIX

quarta versão

Das cinzas, do fogo insano, com arroxeadas penas e brilhante
dourado se reveste.
É da morte, rancor perpétuo, ou da ressurreição que a volve
Fénix?
Ou detém-se triunfal, majestosa na eternidade
Imolada dentro do Madeiro?

quinta versão

Fénix, funesta Fénix, nocente
Alisa as penas da cinza rasa pelo danoso fogo.
A vencedora, a que resplandece,
Cessa a dor lançada contra a dor. Dolorosa,
Impotente, antecede o esvaziamento da morte?
Ávida de vida, há que festejar a cruz alçada.

Os rapazes olham a objetiva.
Cumprindo a sua sorte,
a máquina dispara e fixa as faces
dos que esventram a terra,
desolados,
órfãos de raízes,
à árvore roubando a vida.
Roubam à árvore a vida que querem para si,
Para que o som do búzio anuncie
Os novos homens,
O povo os aclame no adro universal
E como deuses altivos
Atirem laranjas ao coração perfumado
Das raparigas.

José Pires Marques

VINDE OUVIR O CREPITAR DO GRANDE LUME...

Vinde ouvir o crepitar do Grande Lume
E abraçar a Noite Feliz que nos acolhe,
Num reviver tão pleno d'emoções!...

Nestas terras beirãs, onde o perfume
Das frias, mas belas, noites nos escolhe
E nos adoça os humildes corações!

Amigos, aqueçamos a noite fria
No calor do nosso Madeirinho;
Que o fruto do ventre de Maria
Nos chegou tão pobrezinho!...

E na gélida noite, de puro encanto,
Que o Grande Madeiro aqueceu,
Ouvem-se cânticos p'los caminhos...
E na doçura desse belo canto,
Em louvor do Menino que já nasceu,
Há ternuras e lios de carinhos;

Que do madeiro brotou o amor
Em que adoçamos o terno hino
Com que louvamos o Deus Menino
Nas belas terras de Penamacor!

E já no silêncio da minh' alma
Oiço ainda a doce melodia
Que inundou a Noite Calma
De tanta Paz e Alegria!

Luis Frayle Delgado

Rorate coeli desuper
et nubes pluant Justum
(Is. 45, 8)

Por la arena movediza
que la sombra va cubriendo
caminamos desterrados
atravesando el desierto.

Los ardores de este miedo
cuando la maligna fiera
se metió hasta nuestra tienda
nos dejaron sin resuello

Ay, ya estamos exhaustos
y no aguantamos el peso
del virus, como una hiena,
que acecha en cada momento.

Con las palmas hacia el cielo
lluvia benigna esperamos
que desde el sol de Justica
limpie de mal nuestro suelo.

¡Ven, no tardarás, oh, Justo!
Que de paz estoy sediento
de bondad y de justica
que conforte nuestro duelo.

Luísa Carreirinho Tavares

O nosso madeiro
Vem de geração em geração
Levamos o ano inteiro
À espera desta tradição.

É uma espera gloriosa
Que se vive com ansiedade
Mas é uma meta vitoriosa
Que depois deixa saudade.

Somos um povo com tradição
À volta do nosso madeiro
Com um copo na mão
Não há dia mais porreiro.

O nosso madeirinho
É o maior de Portugal
Tal como o nosso vinho
Não há outro igual.

Ó madeiro, madeirinho
És a nossa perdição
Venha de lá o vinho
Seja de garrafa ou garrafão.

O Menino Jesus vamos cantar
Ao redor da fogueira
Penamacor vamos alegrar
E é assim a noite inteira.

É dia de madeiro
É noite de alegrar
Até 6 de Janeiro
Até o sol raiar.

MADEIRO DE CHAMAS NATIVAS NATAIS

Este madeiro acende-se na solidão do mundo,
transporta luzes de outrora
e aquece as razões de quem sonha.

Levanta-se com lágrimas fosforescentes,
e liberta chamas que podem sempre recomeçar.
Chamas nativas a crepitar no que iluminam,
chamas natais que aconchegam contra o frio do mundo
e sustentam desejos de sempre a nascer.

Enfrentando precariedades
e gerando encontros que não desistem de ser encontros,
assim este madeiro se faz chama para a vida.

O FOGO

Quando o êxtase
das labaredas
falar a língua da puberdade
abraça-me na fracção de tempo
que redime tradições.
Abriremos as cortinas
de um palco de rituais
entre a seiva do azinho
e o aquecimento do sangue.
E envoltos em coreografias
de luas despenteadas
bordaremos fios de seda
na legenda entardecida
das memórias.
Não desistas de afagar
as fábulas
escritas na pele do alfabeto.
Flautas de pastores
subirão de tom
nos caminhos do rio
e da floresta
para unir o fio
das gargantas roucas.
Pessoas
animais
plantas
e pedras
responderão
ao apelo dos corpos
transpirados
já os pássaros sublinham
a orla do horizonte
na húmida luz da aurora.
Abraça-me ainda...
De beijo em beijo a crepitar
emoções
escreveremos
a limpidez do fogo universal
numa cama de cinza
acetinada
no tumulto inconfundível
do cio das madrugadas.

POEMA

"A casa é a luz do mundo"
Gérard Calandre

A antiga casa não lhe mexam. Não procurem
desfazer-lhe os sinais que as sombras
lhe deixaram. Os canteiros
que fiquem com pedaços de cacos, velhas
rugas sob os alicerces. Plantas
que o silêncio gerou anos e anos
às telhas se misturem.
Os dedos, não lhos marquem
com óleos, tintas, cores
em toda a frontaria e nas traseiras
E as nódoas de musgo, a cansada ferrugem, as
flores quase desfeitas
abandonem-lhas. Não lhe pintem
também a luz
que o tempo debaixo do cimento faz ficar
– o sol, o vento, a chuva –
mágoas e alegrias dum século
mais que incolor e vago.

Absorto e parado
que tudo sempre idêntico
sepultado nas crostas sem limites
fique como os minutos da terra, assim desfeitos.

A brisa, como em sons
de vida e morte
nas janelas abertas passe
– lamento reflectindo a memória
lenta das vozes.
Que as asas lhe resguardem a quietude. Que o sol
a vele e adormeça sua paz final. Que o Outono
lhe acalente a ausência: porque já nada pode
agora transtornar
a velha moradia
– os campos, em redor, são o disfarce
de milhares de coisa já perdidas -
aranha minúscula subindo
os tempos invisíveis
laços para sempre desmanchados, porta
que se entreabre e une finito e infinito.

NATAL

É um Natal diferente
Porque alegra muita gente
Pelo seu imenso valor
É o Natal do Madeiro
Em Portugal o primeiro
Na vila de Penamacor

Natal; é quando o homem quiser
Este não é um Natal qualquer
Este representa o Nascimento
E a união da População
Que faz por manter a tradição
É a alegria a todo o momento

Esta festa é tão grande
Por todo o lado se expande
O seu espírito altaneiro
Por isso não se deixe ficar
Sem ir divertir-se e admirar
O Grande Natal do Madeiro

E todos os dias são Natal
Cada um salve o que vale
Em sua vida e destino
Com amizade e alegria
Sente-se festa em cada dia
Esta chegando o Deus Menino

Que permaneça em Todos nós
A alegria de não estar sós
E tratarmo-nos por igual
É assim ter algum valor
Para festejar com amor
O espírito do sentir Natal

Em cada um vejas um irmão
Esta é uma condição
Para valorizar o amor
Dá largas à tua alegria
Neste Natal em harmonia
Com o Madeiro de Penamacor

A Quadra Natalícia
É a época propícia
Ao amor e entendimento
Agraciados com fé e amor
Vamos agraciar o Senhor
Em Seu Santo Nascimento

HALOS

Empurra-nos o tempo
para o patamar sucedâneo das incidências,
dos embates. Para o impulso repentino
dos mergulhos na claridade, deslizes plúmbeos
que nos aquietam o semblante.
Ignoto é o gesto em que inscrevo a latitude da candura,
por onde degeneram todas as heranças
do silêncio descontínuo que há nas flores.
E de um suspiro se arvora o ensejo da firmeza,
o assombro que da comoção aumenta,
de um choro só que nos enredos se enovela
como se apenas fosse o simulacro das recusas.
Trazes um manto de luz no teu dorso:
não anseies pela quietude
das estrelas. A noite procura-nos
e cerca-nos com o seu véu secreto de deslumbre,
pranto ou constelação ampla, onde os planetas
se perfilham em altares de silêncio.
Sabes, hoje mais do que nunca,
ausculto da alma um eco-fôlego,
um halo que se aloja na saliência aberta
que designamos de véu pulsátil do lume.

CÂNTICO DE ADVENTO

Na rua a neblina gela.
E as casas do mundo rumorejam
num comovente consolo,
como se fossem retiros de onde vogam afeições antigas.

Por onde o nosso olhar vela
todo o desígnio é um fragmento suspenso nos céus,
uma prece no bulício místico do Inverno.
E o coração é interposto na terra
como a romagem de um peregrino respirando os tempos do fim.

É Natal e uma graça melodiosa move-se
na melancolia de um sopro que vagueia muito além da saudade,
lento verso de mistério reacendido na chama inaugural.

Consente aos olhos um queixume
e um longo abraço repousará no teu berço,
como a lágrima desprendida na ternura de um empalhado leito
de lembranças.

Serás o arauto do destino,
a compassiva razão irrompendo no silêncio,
rasto e embalo adorado no enlevo universal
do advento.

Paulo Jorge Brito e Abreu

MISTAGOGIA CAMPESTRE

(Dedico o meu labor à nação ucraniana)

Terra-pão, terra em pousio,
Que, na noite do meu ser,
Corres, corres como um rio
E te volves em mulher,

A ti darei o meu verso,
O meu sangue, e para cúmulo,
Terra que foste o meu berço
E te portas como túmulo,

Dar-te-ei a Cruz, ó salubre,
Que no sal desta raiz
É noite, é húmus e úbere,
Corpo e dama, enfim matriz.....

Que essa planta mais frondosa
Que abre as pétalas à luz,
Em corpo e sangue diz: Rosa,
Diz em páramos: a Cruz.

SIC ITUR AD ASTRA

Pedro Domingues

OH MADEIRINHO!

De quantas noites te esperei,
de tantos anos te quis,
a vontade de ser o meu
mas feito de raiz

As histórias sobre ti
lembram tempos antigos
memórias de outros tempos
em que já fazias muita gente feliz

sentado ao teu lado
nesta noite fria
Vais unir gerações, chamar atenções
Com o teu cariz

Viste meninos se tornarem homens
crias laços entre os que te fazem nascer
Para outros és a razão
para festejar e beber

À tua volta está tanta gente
Para nunca te deixarem morrer
Não fosses tu a melhor tradição do país
E isso não posso esquecer

Este ano não pode ser diferente
O teu brilho, a tua chama
Vai aquecer os nossos corações
Meu querido Madeirinho

MEU PAI

O dia nasce sem paisagem que o sustente.
Apenas o relâmpago atrasa o poema. Fulminante.

Meu pai,
percorri as ruas,
fui ter à praça da aldeia e não te encontrei.
Cheguei antes da noite, cheguei antes de ti.
E esperei.

Junto ao Pelourinho,
não havia troncos decepados empilhados uns sobre os outros.
Não havia pássaros nem brisa,
não havia o norte e seus frios a juntar as suas gentes à volta do madeiro.
Apenas cinzas de corpos de quem já não vive entre nós.

Meu pai,
percorri o tempo dessas ruas,
o crepitar dessa praça que nos aconchegava as mãos, o coração.
Meu pai,
espalhei ao vento, as cinzas desse poema que não se consegue ler.

VAGUEAR NA MEMÓRIA

Se me sentasse agora
o meu corpo adormeceria
embalado pelos estalidos
das tábuas velhas do soalho
da casa grande já em ruínas,
guardada num canto da memória,
povoada por medos infundados
e portas entreabertas sombrias.
Dançaria com os pés entrapados,
nos longos corredores vazios
ao som do twist da gasta grafonola,
puxando o lustro do chão até brilhar
rodopiando sem esforço e com alegria,
fingindo estar no baile das vindimas.
Inventaria jogos de assustar
com lençóis brancos e dentes de cebola,
na escuridão de um canto do salão,
esperando gritos de pavor da minha irmã
sempre tão delicada e bonita de morrer.
À tardinha quando te atrasasses para o jantar,
a rigidez do pai te colocasse de castigo,
prepararia farta comida no teu prato
esgueirando-me entre a cozinha e o quarto
e verteria lágrimas baixinho contigo,
enquanto prometias um carrinho de rolamentos.
Se me sentasse agora
no sono vaguearia na memória
e francamente não sei se queria
voltar a sentir a solidão que já sentia.

Tiago Alves

Ouço o criptar,
Da chama flamejante.
Chove lá fora.

Pilha de troncos,
Que ilumin'a vila.
Ouço os cantos!

1

Al aire la hoguera, el humo,
la luz de la llama al aire...
Libre una noche en su rumbo
con frío envuelve el calor
del tronco que un día fue árbol.
Ramas, hojas, sombra, altura,
ahora en candente fuego.
Con sus ojos desde antiguo,
en torno mira un poblado:
brasas, relatos, cenizas,
amigos que ya no están.
Arden también pensamientos,
tiempos de amar y ternuras,
arde la noche más larga
entre sus oscuras horas.
Incandescente este invierno
parte en sus negros tizones.
Asciende la vida nueva
entre las ascuas aun vivas
con ojos de luz de hogar.
Penamacor emigrante
en los humos de los leños
con perfumes de maderas
que se expanden por los labios
hechos de llamas y tonos,
rumores de viejos troncos
que vuelven así a la tierra
esperanza de futuros.

(Madero en Penamacor)

2

Hace frio en manos, nariz y orejas,
los pies saben de la nieve. El hielo
quiere congregar las aguas. Fuego
se hacen los pensamientos y prenden
las ramas de los mejores sueños
donde está ardiendo la savia. Y tú
resplandor de nuestras vivas llamas
vienes a salvar lo que aún queda,
amplio espacio de esta noche fría
que se expande al arco de la infancia
cuando era un juego el hogar, ardor,
alegría y sol cercano, beso
junto con ascuas rojas, ceniza
siempre ceniza de quemar vida.

Vasco Lopes Dias Araújo

PENAMACOR VILA MADEIRO FESTAS 2022

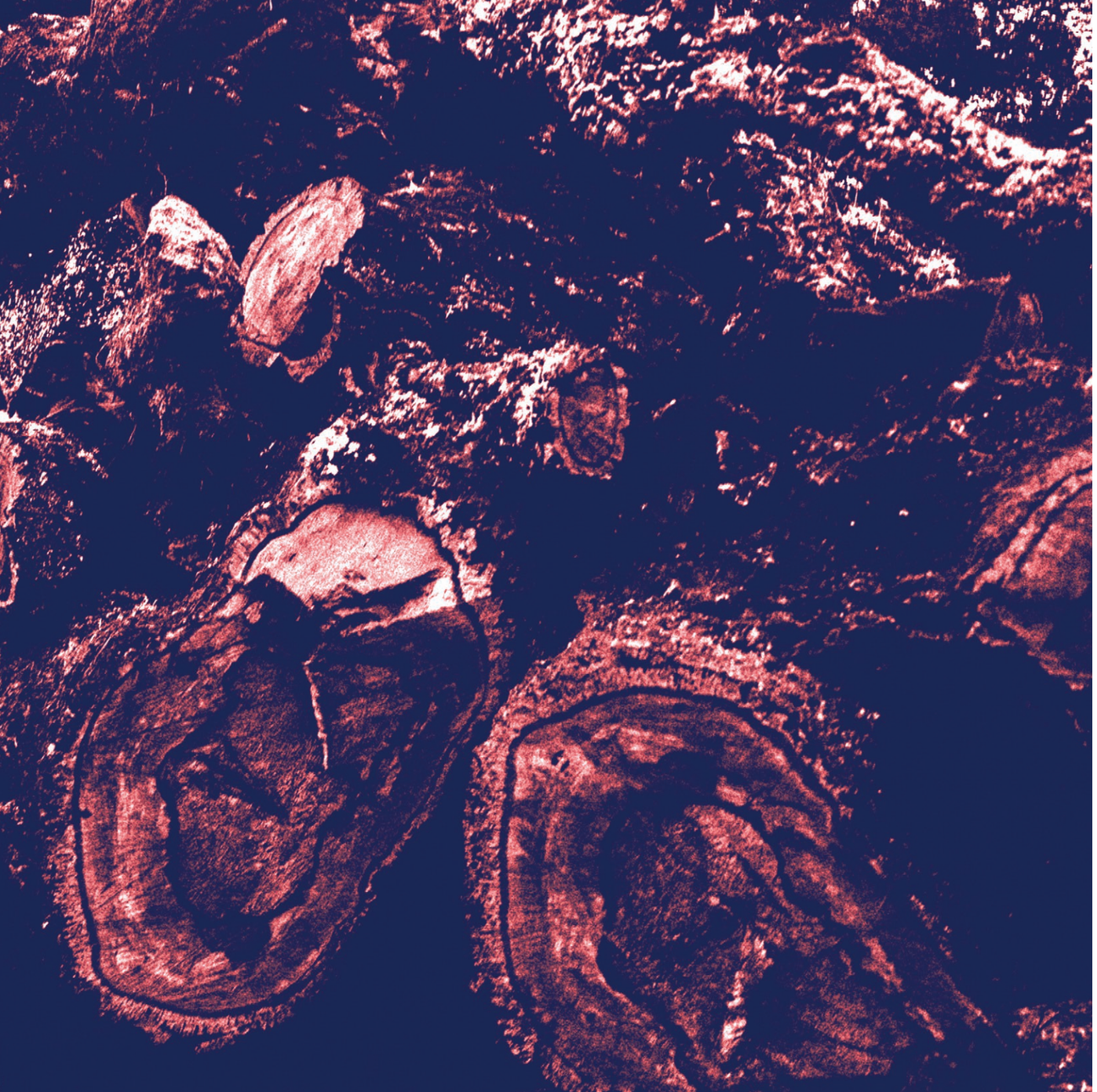
Penamacor Vila Madeiro
De pétalas brancas vestida
Com o símbolo dum sobreiro
Assim serás conhecida

Oito de Dezembro é o dia
Do Madeiro na vila entrar
Com o povo a festejar
Em cânticos de alegria
Já o povo antigo dizia
De todos és o primeiro
Aquecer com teu braseiro
A alma e a gratidão
Assim amas a tradição
Penamacor Vila Madeiro

A vinte e três de Dezembro ateado
O Madeiro com suas cores
De luz, alegria e flores
E o Templo alumiado
O Menino em palhas deitado
E a colina adormecida
Em noite de luar perdida
Dos visitantes, sedutora
Nobre vila, encantadora
De pétalas brancas vestida

Vem de dias ancestrais
É colhido por tradição
Com amor e devoção
São as nossas raízes culturais
Que se não percam jamais
Se mantenham em lugar cimeiro
Penamacor Vila Madeiro
Teu nome ficará gravado
Em teu solo fértil, pintado
Com o símbolo dum sobreiro

É festa, Natal, alegria
No adro o Madeiro queimado
Adormece, vermelho, enrolado
Amanhã chega outro dia
Vai-se o sonho da fantasia
À vila sorridente e despida
Ao sol da manhã, estendida
A coroar o seu Madeiro
No píncaro dum sobreiro
Assim serás conhecida



Virgínia do Carmo

LUZ

Esta é a luz que há-de guardar-te. Que há-de impedir que apodreçam as costuras do teu coração. Sei que cresceste. E quando crescemos tudo dói mais. Até a força que nos ponteia as tardes e nos segura as manhãs. Mas sabes, todos trazemos a claridade da infância metida na bainha de um céu quase nosso.

[E dói-me doer-te tanto por dentro. Ser aresta áspera e estrídula a respirar nos cantos dos teus olhos fechados. Ardor inquieto na cicatriz inacabada da tua incompreensão.]

Por isso, levanta os olhos. Porque esta é a luz que há-de guardar-te.

PRIMEIRAS Sílabas DA IDENTIDADE

PRIMEIRAS Sílabas DA IDENTIDADE

MADEIRO DO NATAL

Aí vem o madeiro
Oh! Que grande emoção
Aquecerá até janeiro
E ficará no coração

O madeiro vem aí
Vamos todos cantar
O madeiro já está no adro
Para o Natal festejar

Este é o nosso Madeiro
Como ele não há igual
Para quem não sabe
Este é o maior de Portugal

Vila Madeiro
No concelho de Penamacor
Todos querem visitar
E encher as ruas de cor

Os forasteiros já chegaram
Que grande agitação
Vêm todos festejar
Esta grande tradição

Que madeiro magnífico
E tão acolhedor
O madeiro já arde
É este o madeiro de Penamacor

Eu moro em Pedrogão,
Mas venho a Penamacor,
Ver o madeiro de Natal
Que arde e manda muito calor.

Gosto de vir ao madeiro,
Cantar, saltar e pular.
O madeiro dá-me alegria
Para poder brincar.

Eu moro no Escarigo
E também venho a Penamacor.
Ver o madeiro de Natal
Que é feito com muito amor.

Eu moro no Salvador,
Mas ando no Jardim de Penamacor.
O Madeiro desta bela vila
É mesmo um imperador!

É uma época Mágica
Com uma razão de ser,
Nasceu o SALVADOR
Para a todos proteger.

Já acabou a Pandemia,
Já podemos festejar,
Vamos juntar a família
E ao pé do Madeiro cantar.

E para terminar,
Os meninos da Sala 2
A todos vão desejar
Um santo e feliz Natal!

Alunos do 1º Ciclo do AERS

O madeiro é uma tradição que se
Celebra do dia 7 para o dia 8 de dezembro
Onde se faz um monte de madeira

Muitas pessoas vão ao Madeiro
Para celebrarem o aquecimento do
Menino Jesus e também para se divertirem.

O Madeiro é uma tradição que se faz,
Um dia antes da véspera de Natal.
As pessoas vão ver o Madeiro porque gostam
E para alegrar as suas vidas.

O Madeiro é realizado,
No dia 23 de dezembro e
Nós vemos um monte de madeira.

Esta ocasião é feita porque o
Menino Jesus nasceu no dia 25
E os de Penamacor fazem o Madeiro no dia 23 de dezembro.

Um ano após a pandemia, com os cavaleiros do Apocalipse a trespassarem a velha Europa, estes fólios de poesia acabaram de se imprimir a 26 de Dezembro de 2022 dia do papa S. Dionísio (259 a 268) e do protomártir Santo Estevão auxiliar dos Apóstolos.

Aurelino Costa; António Salvado; Alfredo Pérez Alencart; António Teixeira e Castro; Carlos Da Aira; Carlos Cruchinho; Helena Villar Janeiro; Hugo Milhanas Machado; João Rasteiro; Joaquim Cardoso Dias; José Miguel Santolaya Silva; Leocádia Regalo; Luís Filipe Pereira; Luís Castro Mendes; Miguel Rego; Maria Toscano; Nazaré de Sant' Ana; Rosa Alice Branco; Stefania Di Leo.

Alvaro Giesta; António Maria Vieira Pires; António Rico; Artur Coimbra; Carlos Cruchinho; Carlos Manuel Lopes Pires; Cláudio Lima; Domingos da Mota; Eddy Chambino; Eduardo Aroso; Eduardo Olímpio; Graça Pires; Henrique Levy; Isabel Mendes Ferreira; João Pedro Azul; João Ricardo Lopes; Joaquim Colôa; Jorge Velhote; Juan Carlos Martín Cobano; Luís Filipe Maçarico; Manuel Barata; Maria de Lourdes Hortas; Maria José Quintela; Santiago Aguaded Landero; Sara F. Costa; Victor Oliveira Mateus.

/ Aida Acosta / Albertina Pires da Silva / Alberto Pereira /
/ Ana Maria Puga / Carlos d'Abreu / Cecilia Álvarez / Francisco Pardal /
/ Izidro Alves / Javier Dámaso / João Sousa Teixeira / Jorge Carvalho /
/ José Emílio-Nelson / José Manuel Batista / José Pires Marques /
/ Luis Frayle Delgado / Luísa Carreirinho Tavares / Manuel Costa Alves /
/ Maria Helena Ventura / Nicolau Saião / Pantaleão /
/ Paulo Jorge Brito e Abreu / Paulo José Costa / Pedro Domingues /
/ Rodrigo Dias / Teresa Veludo / Tiago Alves / Tomás Acosta Piriz /
/ Vasco Lopes Dias Araújo / Virgínia do Carmo /
/ Alunos do 6º A do AERS / Alunos do Pré-Escolar do AERS /
/ Alunos do 1º Ciclo do AERS /

MUNICÍPIO DE PENAMACOR

PENAMACOR Vila Madeiro A CHAMA DA TRADIÇÃO